

ANNO I

N. 13

1 DE JULHO 1889

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA ---- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Itália, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Ultimos livros, por João Ribeiro.—II O Dr. Sylvio Roméro e a Historia da Litteratura Brazileira, por Araripe Junior.—III Principaes correntes litterarias do seculo XIX, por Georges Brandes.—IV Poesias, por João Ribeiro.—V Os delegados do governo.—VI A toalha de crivo, por Arthur Azevedo.—VII Da educação, por Herbert Spencer.—Bibliographia Brazileira.

Ultimos livros

CONTOS POSSIVEIS, prosa e verso, por Arthur Azevedo, Rio de Janeiro, 1889, in-8º de VII—198 pp.

Eis ahí um dos melhores livros que tenho lido este anno; e não leio sómente livros brasileiros, devo acrescentar, sem lisonja nem encobrimento.

Livro limpidissimo, no seu imaculado decote de verdade quasi nua, mostrando só o que é digno da evidencia solar da exposição em praça, onde se acotovellam o trato dos mercadores e o requerimento melancolico dos desempregados.

Livro que se pôde definir com uma phraze tão pedestre quanto excellente: *bom na ordem*; na ordem, isto é, não trazendo no bojo a vermelhidão demagogica da idéa nova, mas dizendo cousas antigas e que ninguem todavia disse; velho como um preceito de Horacio (1) e novo como uma applicação da electricidade.

(1) Proprié communia dicere.

Taes productos se formam como os diamantes, da carbonisação de florestas pré-historicas e denunciam como esses, na rutila pupila, a maviosidade de ninhos antigos e a claridade de sóes extintos.

Não admiramos em Arthur Azevedo o auctor dramatico. Ou porque o *meio* o inutilisasse ou porque o seu talento não tenha a aptidão necessaria, (2) o facto evidente para mim é que não lhe darão um só minuto de posteridade muitos dos seus libretos, mais nomeadamente certas revistas bem vizinhas da palhaçada.

Acho que n'este ultimo genero, A. A. possue alguns trabalhos bons, ainda que mediocres brilhem apenas com o favor

(2) Hypothese aliás improavel. Nas produções de A. A. nota-se verdadeiro sentimento dramatico. Nos seus contos mais fluidos há sempre a trama, a *intriga*. Por outra parte, o dom de observação revela-se no modo pelo qual reproduz o linguajar do povo melhor do que no desenho dos caracteres.

da noite do genero dramatico, sem aurora ainda no Brazil. Creio que por muito tempo não possuiremos o publico indefectivel de um theatro seriamente organisado.

O advento da comedia como em Paris, Berlim ou Vienna, presupõe a existencia de uma sociedade polida, com todos os requintes da nevrose, e que não necessite das badaladas do carrilhão do drama antigo para acudir aos seus deveres de gente sentimental.

Aqui, não ha zona temperada; os dous pólos junjem-se pelas costas: ou dramalhão ou vaudeville.

No entanto, o illustre escriptor ignora o merito do seu trabalho.

Parece que são os auctores os peiores criticos das proprias obras. Por isso é que A. A. diz do seu livro:

« Parece escripto por muitas pennas. Isso mesmo é a prova mais flagrante do meu diletantismo.»

Sobre não ser isso prova alguma(3) nunca trabalho algum revelou mais acurada ou espontanea homogeneidade de mão de obra.

O auctor vive em todas as paginas: todos os contos estão sob a mesma linha isothermica, sob a temperatura uniforme do mesmo clima.

Em todos elles ha uma certa compostura simples, quasi pastoril, uns modos de dizer de todos sem que todavia falte o « *polvilho d'aquella pimenta* » dada com intenção de pio maná a cahir sobre uma população faminta de beatitude.

O riso está muito perto da castidade, por ser a expressão rara do inconsciente nas sociedades pessimistas. O riso é profundamente puro e ingenuo. A sabedoria, a maldade, fala ou fica em silencio; quando muito sorri, mas não se ri nunca.

As bregeirices dos *Contos possíveis* são apenas bulhentas e risonhas. E como o riso é uma despeza de força nervosa, a matreira dissipase, esvae-se, ao contrario das formulas naturalistas em que o principal efecto consiste em escaldar o cerebro pela convergencia de todas volupias ao eixo das impressões sensoriaes.

A cabeca aquece e o coração casto das creanças deseja peccar; e logo vém ou o

(3) Segundo H. Spencer o bom escriptor é capaz de todos os estylos (Spencer—Ess. II).

peccado ou as lagrimas para manter o equilibrio entre a necessidade organica e a função.

Para erguer se a theoria da *immoralidade* na Arte, convém assentar a preliminar de que existe perfeita paridade entre o pensamento e o facto—sem a qual o naturalismo seria pretenção ridicula, como representação das cousas.

O pensamento, de modo geral, é o facto em subjectividade e o facto é o pensamento objectivado.

D'ahi se conclue evidentemente que o que deixa de ser possivel no facto, deixa de o ser nas idéas. Ora, a volupia, a excitação dos orgãos genesiacos, é impossivel durante o riso ou mesmo durante qualquer perda nervosa consideravel.

A *immoralidade* que provoca o riso é causa contestavel—ainda que possa revelar bruteza grande e inconveniente grosseria.

Assim pois, seja-me licito dizer que a *pimenta* de que fala o autor, apparece no seu livro sublimada n'um doce e ameno fundo de calda em compota.

Dos *Contos possíveis* os melhores, que não são poucos, são escriptos em verso, salvo a opinião da *Revista Paulista Fluminense*.

Tres, pelo menos, podem honrar a nossa litteratura e a européa: *Desejos de ser mãe*, *Rogerio Brito*, e a *Toalha de crivo*.

Atravéz destes tres documentos descobrem-se, uma por uma, pacientes jazidas de esforços e de trabalho artistico servido por um talento forte, originalissimo e vigoroso.

São tres especimenes reveladores de uma organisação intellectual pouco commun, e capaz de grandes triumphos, se outra fosse a interna textura d'esse publico inconsequente, futile, fróxio, aberto como a espichada malha do philosopho que não conseguia apanhar uma verdade sequer.

Pedimos ao A. a devida permissão para reproduzir em outro logar o inimitável conto *A toalha de crivo*, um dos melhores trechos da litteratura brasileira contemporanea.

NOTAS LEXICOLOGICAS, por Manoel de Mello. Rio 1889. in-8º DA GLOTICA EM PORTUGAL, pelo mesmo. Rio, 1873—1889, in-8º.

São duas obras de linguistica de merecimento pouco vulgar entre portuguezes e brasileiros.

O elogio d'ellas, comtudo, não pode ser feito sem uma tantas restricções—pois consigna—factos e theorias que já não despertam a attenção dos que conhecem meditadamente a materia — defeito que deve ser attribuido a publicação tardia do manuscrito.

Na verdade, as *Notes lexicologicas* datam de 1880 e a *Glottica* de 1872, épocas do inicio de elaboração de cada um destes trabalhos.

Manoel de Mello era uma vocação perfeita de erudito, talento sem grandes voos, porém minucioso, rijo tenacissimo e seguro. Da sua cultura com boas razões não se poderia esperar mais elevado tentamen: não possuia o espirito de synthese e de coorde-nação que fazem o artista ou o reformador.

Como analysta, porém, foi verdadeiramente extraordinario e poucos rivais podia contar na especialidade a que consagrou o seu nobre espirito.

Os dous livros mencionados que não são de todo ineditos, foram publicados pela diligencia d'un amigo precioso e cultissimo, o Sr. Francisco R. Paz, que «reconstituiu as ultimas folhas typographicas da *Glottica*, valendo-se de apontamentos por vezes incompletos, deixados pelo auctor e respeitando escrupulosamente o plano já em adiantada execução.»

O Sr. F. R. Paz não poderia levantar mais digno monumento á memoria do seu amigo senão divulgando os longos e pacientes labores da incrivel actividade de Manoel de Mello.

Ha n'esses dous livros muita cousa que estudar e apprender, e um grande numero de factos que convém recolher e registrar para que não se percam no olvido a que de ordinario entrega o publico os trabalhos de erudição e pura analyse.

Diremos alguma cousa mais sobre a *Glottica* no proximo numero,

JOÃO RIBEIRO.

O Dr. Sylvio Romero e a «*Historia da Litteratura Brasileira*» (1)

I

O POLEMISTA

« Este livro, » diz Sylvio Romero, na introduçao á sua *Historia da litteratura brasileira*, « é um livro de amor, feito por um homem que sente ha perto de 20 annos sobre o coração o peso do odio que lhe tem sido votado em sua patria... »

E acrescenta que houve em sua vida uma phase de « *pessimismo radical* e intratavel a que deu curso em seus primeiros livros; » mas que afinal chegou a uma « critica imparcial, equidistante da paixão pessimista e da optimista, » reputadas igualmente perniciosas.

Estas palavras, na minha opinião, pintam com a maior fidelidade o temperamento do autor. Aceitando-as como confissão sincera, julgo estar de posse de um documento valioso para ponto de partida na apreciação que vou fazer do illustre critico brasileiro.

Antes de tudo, esses trechos provam que o signatario destas linhas não declarava, quando, em 1882, dizia que o Dr. Sylvio dava arrhas do seu excessivo subjectivismo, criticando os seus patricios com tamanha acrimonia, e que o seu espirito de combatividade talvez tivesse expli-cação na leitura de Schopenhauer. (2)

Muitos sucessos se tem produzido nos 7 annos decorridos d'aquelle anno a esta parte e se por um lado o prefacio do livro revela uma certa moderação, explicavel não só pela idade, como pela experiença dos homens e das coisas; por outro demonstra, bem examinados todos os testos, quão exacto é o distico latino:—*trahit sua quemque voluptas*.

E' verdade que o Dr. Sylvio Romero não padece hoje, nem pode mais padecer das exaltações dos tempos de academic.

O conceito, que actualmente cerca o seu nome, a respectabilidade inherente á posição de um dos mais conspicuos professores do nosso magisterio e o acatamento

(1) Vide n.º I.

(2) Vide José de Alencar perfil litt. p 207.

com que em alguns círculos é recebida a sua palavra de publicista, o extreitam inevitavelmente em uma esfera de ação mais cautelosa e o obrigam a uma continua vigilância sobre os seus actos e palavras que dantes não era exigida pela attitude de critico demolidor. O Dr. Sylvio Romero tem uma obra a defender e nada pode preoccupal-o tanto como a economia do esforço para a manutenção daquelle que tão acirradas lutas lhe valeu.

Tomar uma praça de assalto, como o autor da *Historia da litteratura brasileira* conseguiu; derrocar uma bastilha e ateá-la fogo, é simplesmente obra de coragem, impeto e rapidez. Mas, sustentá-la, contra a conflagração iminente das regiões circumvisinhas, é questão de perseverança, e, mais que tudo, de astúcia, virtude que Homero atribuia aos encanecidos nas batalhas.

Não quero com isto dizer que o critico brasileiro já attingisse a idade, em que, com os primeiros cabellos brancos, o homem vai se convencendo de que mais vale ser um *Fabio Cunctator* do que um *Achilles*.

E' obvio, porém, que os primeiros symptomas da approximação desse estado litterario se vão manifestando; o que não importa, nem a mudança de temperamento, nem a modificação das suas ideias captaes. Por uma leitura meditada do livro se vê que o polemista não perdeu nenhuma das suas qualidades fundamentaes; apenas deslocou os apparelhos, passando-os do terreno restricto de attaque, em que os mantinha, para firmá-los em campo de operações mais vasto e fecundo.

Um rapido historico dessas transformações será suficiente para evidenciar o meu asserto.

Em 1868 o Dr. Sylvio Romero cursava a Faculdade de Direito do Recife e poucos annos depois formava-se em sciencias sociaes e juridicas sob os auspicios de uma crescente nomeada de homem de letras. Desde logo o encontramos, empunhado pela vocação de critico, empenhando-se em campanhas jornalisticas e lançando o plano de uma historia do espirito nacional. Datam d'essa época sobre os seus veementes estudos sobre o *Romantismo no Brasil* e os primeiros ataques ao que se lhe afigurava uma idolatria indigena, trabalhos que se prolongaram, sem interrup-

ção até 1878, e foram successivamente publicados nesta Corte sob o titulo geral de *Oito annos de jornalismo*.

A sua entrada na liga não foi sem sensações. O jovem sergipano não trazia a simples impetuosidade de um temperamento ; bilioso-nervoso, padecendo de uma indole insubmissa, propenso ás situações estrepitosas, talvez por um principio de atavismo espanhol, teve por cima a fortuna de encontrar o momento proprio para o advento da sua individualidade, e o aproveitou com coragem indefesa. O Brazil recebia então os primeiros osculos da aurora que raiava nos horizontes da philosophia, e a nova corrente de ideias, transpondo o Atlântico, vinha dourar as nossas iminencias intellectuaes. O Dr. Sylvio Romero, na idade dos irresistiveis impulsos, foi um dos mais afoutos na marcha para o oriente. Fazer o que fez, i. é — desprezar os canones academicos, as formas aceitas pela turba litteraria do seu tempo, foi, portanto, um facto tão natural, como o scria, em outra epoca, e com as suas disposições, defender essas mesmas ideias, impondo-as aos rebeldes e mediocres com a ferocidade de um.

Os ingredientes de que a natureza se serve para formar os polemistas não são muito complexos. Ao temperamento já assignalado, que fornece a *reacção*, adiciona-se a *paixão*, o dogma, como quem diz uma fé, um partido, e ter-se-a o homem definido.

Está visto que eu me refiro a um polemista convicto. O Dr. Sylvio não era um contradictor, sem orientação, que obedecesse ao simples movel da vaidade ou que exercesse uma função inconsciente e ao acaso. Nestas condições, pois, elle atirou-se com violencia no meio das lutas academicas; e sucedeu o mesmo que sucede nas reuniões populares, a um homem audaz que avança brandindo a lanina ameaçadora da navalha. Formou-se um vasio em torno; muitos fagiram; outros tantos de longe o conspurcaram; e a novidade do instrumento, havido como perigoso, deu que falar á maior parte. Uma ignominia. Os menos cegos, contudo, poderiam verificar que afinal esse instrumento escandalisador não era outro se não a theoria positivista, que o critico sergipano transformava, a seu modo, em massa para esmagar os caturras do seu tempo.

Intelligenzia vivaz e cheia de anciedades, elle bebera essa theoria a longos sorvos e sentira-se tomado de subita embriaguez. Invadirá-o logo um pessimismo objectivo e o que ha de mais truculento nas paginas da politica de A. Comte traduzira-se em applicações brutaes.

Só a quem nunca houver trocado idéas com os sectarios da doutrina do philosopho de Montpellier, será desconhecido o orgulho e a segurança com que esses systematicos desenvolvem os seus argumentos e os abusos que, em nome do mestre, vão impondo á humanidade. Architectado com um arrojo genial, e baseado no trama de uma logica de bronze, partindo das idéas mais geraes e percorrendo toda a escala dos phenomenos até chegar aos mais complexos, sob o triplice predominio das concepções sobre as ordens cosmicas, do desenvolvimento historico e da gradação didatica, o positivismo, como todos sabem, extinguiu todas as duvidas e vacilações do espirito humano, fechou o inquerito ás curiosidades do pensamento, apresentou solução para todas as questões e fez ascender a alma para regiões inacessiveis ao vulgo profano e vertiginosas para os espíritos intolerantes. E' facil, portanto, comprehender o que não teria feito um moço ardente como o Dr. Sylvio colhido de突bito nas malhas de um apparelho, do qual é raro conseguir o sectario libertar-se, e que, por isso mesmo, communica uma indiscriptivel inexorabilidade aos que se lhe tornam familiares.

O primeiro passo estava dado. O critico, pois, apezar de um imperfeito percurso da serie hirarchica das seis sciencias fundamentaes, julgou-se em pouco tempo apto para todas as lutas, em todos os terrenos, e começou a aquilatar os homens e interpretar a vida social com o aprumo dos vitoriosos.

Um systema forte e bem constituido é como a legião romana: resumo da civilisação, feitura para dominar, tem em si toda a expansibilidade necessaria para se marchar, vitalidade para se manter entre a barbaria e arte pare contel-a, reprimil-a, subordinal-a; e nenhum systema, neste ponto, se parece mais com a criação romana que conquistou a terra, do que a doutrina de A. Comte.

O Dr. Sylvio Romero não foi propriamente um legionario, foi um velite; mas

isto era quanto bastava para que, em suas correrias, o terror, inspirado pelo acampamento philosophico, em nome de quem elle apostrophava, produzisse o efecto desejado. Scherer, Taine e outros criticos, que applicavam os methodos modernos ao estudo da litteratura e os folkelonistas, ministraram-lhe as principaes armas para as primeiras investidas.

Quem ha ahí que não tenha experimentado o sentimento de superioridade indo a uma villa do sertão? Pois bem, coisa igual parece que se deu com o autor da *Historia da litteratura brasileira*.

Si se tratasse sceptico ou de um philosopho tranquillo, o gesto de mofa, que lhe assaltou o semblante, ter-se-ia convertido no do desprezo ou então tel-o-ia conduzido ao estudo silencioso dos phenomenos para explical-os. Occorrendo o facto, porém, em um combativista, a mofa traduziu-se em diatribes, que levaram o amargor á bocca dos offendidos.

De dois bordões servia-se então o critico sergipano «A metaphisica morrera.» «O Romantismo era uma arvore sem fructos.»

ARARIPE JUNIOR.

Principais correntes litterarias do seculo XIX, por George Brandes

INTRODUCÇÃO

Começando esta obra é intuito meu, por meio de estudo de certos grupos e movimentos principaes de litteratura europaea, traçar o contorno de uma psychologia da primeira metade do seculo XIX. O anno de 1848, que no temporal enropéu representa um momento critico da historia, e portanto uma conclusão provisoria, é o limite até onde seguirei a marcha do desenvolvimento. O periodo que vai de principio ao meio do seculo, offerece o quadro de muitos esforços e phenomenos litterarios esparsos e apparentemente não comparáveis. Todavia quem fitar os olhos nas principaes correntes de litteratura ha de descobrir que os movimentos podem reduzir-se a um grande rhythmo principal com fluxo e refluxo: a decadencia e desapparição graduais da vida das idéas e

sentimentos que vigoraram no seculo passado, e a volta das ondas, cada vez, mais alta, das idéas de progresso religioso, politico e social.

O objecto central d'este escripto é portanto a reacção que o seculo XIX nos seus primeiros decennios moveu contra a litteratura e o espirito do seculo XVIII, e tambem a victoria contra esta reacção.

Este acontecimento historico é de essencia europeu e só se torna comprehensivel por um estudo de litteratura comparada. Procurarei fazel-o, esforçando-me por acompanhar ao mesmo tempo certas mudanças e transformações da vida espiritual nas litteraturas allemã, franceza e ingleza, que são as mais importantes.

O estudo comparativo da litteratura tem a dupla propriedade de approximar-nos tanto do estrangeiro que podemos nol-o apropiar, e afastar-nos tanto do proprio que podemos dominal-o. A gente não vê nem o que está muito perto dos olhos nem o que fica muito longe. O estudo scientifico da litteratura dá-nos como que um telescopio, uma ponta do qual serve para augmentar e a outra para diminuir: o importante é ousal-o de modo a corrigir as illusões da vista natural. Até mui pouco tempo os diversos povos ficaram litterariamente afastados e muita pouca capacidade mostraram para apropiar-se seus productos reciprocos. Para terem idéa da situação lembrem-se da velha fabula da raposa e da cegonha. A raposa, como se sabe, convidou a cegonha para uma festa, porem dispôz todos os manjares que lhe apresentou em um prato razo, de sorte que o longo bico da cegonha quasi nada poude pegar.

E' sabido tambem como a cegonha vin-gou-se. A commodou suas comidas liquidas e solidas em um vaso alto, de collo estreito, em que podia mergulhar o longo bico da cegonha, não o focinho pontudo da raposa. Assim durante muito tempo as diversas nações têm alternativamente representado de raposa e cegonha. Grande parte da tarefa da arte litterario-historica consistiu e consiste em servir as iguarias da cegonha na louça da raposa e vice-versa.

Em ultima instancia, historia de litteratura é psycologia, estudo da alma, historia da alma. Um livro que pertence á litteratura nacional, romance, drama ou obra historica, é uma galeria de figuras,

um deposito de sentimentos e conceitos. Quanto mais importantes cs sentimentos, quanto maiores, mais claros e comprehensivos os conceitos, quanto mais peculiares e ao mesmo tempo mais representativas forem as figuras,—tanto mais elevado será o valor historico do livro, tanto mais claramente nos mostrará a essencia do que se passa nas almas em tempo dado e em um certo paiz.

Considerado estheticamente, o livro é um todo como obra d'arte, subsistente por si, desprendido de quaesquer relações com o mundo externo; tem seu centro em si proprio. Considerado historicamente, o livro, mesmo quando obra d'arte a mais perfeita, não passa de secção arbitaria de um tecido continuo e interminavel. Estheticamente, pôde explicar-se sufficiente por sua idéa, pelos conceitos fundamentaes que o animam, organismo que se comprehende sem curar do autor ou de suas ilhargas. Mas historicamente contem-se n'elle, como o effeito na causa, a especie de espirito do autor, que se reproduz em todos os seus productos, especie de espirito que determina a obra e cujo conhecimento é necessario para explicá-la. Por sua vez o cunho espiritual do escriptor só se pôde comprehendere conhecendo e representando a condição dos espiritos que o rodeam e determinain-lhe seu desenvolvimento, a atmosphera espiritual em que respirou.

Os phenomenos que se determinam, esclarecem e explicam uns aos outros, formam grupos naturaes.

O que pretendo representar é um movimento historico que tem approximadamente o caracter e a forma d'um drama. Os seis diversos grupos de litteratura que tenho de apresentar correspondem aos actos deste drama grandioso. No primeiro grupo, a do francez, dos emigrados, inspirada de Rousseau, começa a reacção; mas as correntes reaccionarias estão ainda misturadas com as da revolução. No segundo, a escola romantica catholisicisante da Alemanha, monta a reacção, vai adiante, conserva-se afastada das aspirações de liberdade e progresso da época. O terceiro grupo finalmente que abarca escriptores como Joseph de Maistre, como Bonald, como Lamennais em seu periodo orthodoxo, como Lamartine e Victor Hugo, no tempo em que, durante a Restauração, eram ainda os melhores esteios dos Legi-

timistas e Clericaes. assignala a reacção violenta, triumphante. A escola ingleza dos laguistas, Scott, Moore, Landor, Shelley e Byron com seu sequito formam o quarto grupo, que, Byron mais que todos, provoca a crise do grandioso drama. Rebenta a guerra da libertação na Grecia, halito mais fresco bafeja a Europa, Byron sacrificia-se heroicamente pela causa grega, e sua morte faz grande impressão sobre os escriptores do continente. Pouco antes da revolução de Julho mudam de direcção muitos dos espiritos mais importantes da França, junta-se-lhes uma mocidade entusiastica: formam o quinto grupo, a escola romantica da França, e o novo movimento litterario é caracterisado por nomes como Lamennais, Hugo, Lamartine, Alfredo de Musset, George Sand, Merimée, etc. E então passando o movimento da França para Alemanha, começa tambem neste paiz um periodo de litteratura, curto porém fructifero; é o sexto e ultimo grupo de escriptores que quero representar, inspirados pelas idéas de revolução de Julho, e como muitos dos poetas francezes, vendo na grande sombra de Byron o guia do movimento libertador. Os escriptores da joven Alemanha, Heine, Boerne, Gutzkow, Ruge, e outros, preparam como os escriptores francezes da mesma época a catastrophe de 1848.

Ext. da *Gazeta de Notícias*.

Razão do silencio

A penna tomo e escrevo, e todavia
A' primeira palavra páro e hesito :
Quem sabe se este pequenino escripto
Novas tristezas não lhe augmentaria ? !

Que importa à Lucia o meu profundo grito,
Que lhe importa saber a historia fria
Dessa paixão cujo sofrer maldito
As carnes me devora noite e dia ?

E a penna deixo. E a penna atiro a um canto.
Eu não devo escrever te ! as minhas dores
Busquem, se querem, expansão no pranto.

E nunca mais hei de escrever, porquanto
Perdem à luz os nossos dissabores
O proprio aroma tal se fossem flores.

1883.

Vozes no ar

Saem vozes das moitas perguntando
Quando é que se fará meu casamento,
E eu sigo, o meu caminho caminhando,
Sem responder às aves nem ao vento

Meu casamento ha de fazer-se quando
Nos bosques vier das flores o momento
A perfumosa tunica arrastando...
E' meu intento e d'ella é seu intento.

E a ave importuna e a voz do mesmo ninho
Indiscretas pairando no caminho
Voltam de novo a identicas perguntas.

Entanto, qualquer ente percebera
Que as minhas bodas mais a primavera
São duas cousas que viriam juntas.

1883

Tu me falaste...

*Tu me falaste cheia de despeito
Tanto os teus olhos rutilos brilhavam
Attento ouvi-te e, posto satisfeito,
Mudas paixões no peito tumultuavam.*

*E tumultuavam-me as paixões no peito,
Por quanto esses desdens me revelavam
Que mais esteja o coração subjeito,
Mais fundo n'alma as nossas dores cavam.*

*Bem fundo n'alma cavam nossas dores,
Lá onde a vaga do sofrer não vaga
Da tempestade aos rabidos furores ...*

*Mas o furor da tempestade esmaga,
Comprime e arranca das espumas—flores,
Da vaga a espuma, e do oceano—a vaga.*

1887.

Ultima esperança

*— Foi aqui ! foi aqui ! disse consigo
Arrebatou-m'o a rapida corrente,
Meu pobre cão, meu derradeiro amigo !
E resoluto, heroico, de repente,*

*Da agua se lança, impavido, ao perigo,
As ondas vence e de vencel-as, sente,
Que vai fugir-lhe o suspirado abrigo...
Lucta de novo exasperadamente.*

*Quando a esperança de todo foi perdendo
Extranho som de voz, echo sagrado,
Partiu do fundo coração batendo.*

*E elle, o vencido, misero e cançado,
Ouriu a rubra viscera gemendo :
Inda te resta um cão, ó desgraçado.*

1886.

A criação do deserto

*A principio, era a terra inteira avassalada
Pela vida triunphante. Em cada gruta, em cada
Recanto a natureza as luxurias reunindo:
Toda a are a pipilar: todas as bocas rindo:
A ablução da cascata escorrendo a epiderme
Verde da pradaria: o dromedario: o verme
Embaixo, a estrella em cima: o sol de um lado, a lua
Do outro: o dia que nasce, a noite que recua:
Enchendo o fundo o espaço a Delicia: os Affagos:
A Luz: o Cheiro: a Voz: frondes por sobre os lagos
Echoando sobre a agua as multiplas folhagens:
Todos os seres bons visto serem selvagens....*

..

*Mas, veiu, um dia, o Crime. O braço fratricida
Ao casto, inocente Abel veiu arrancar a vida,
E o sangue vingador d'aquelle homem inocente
Caindo em terra, a terra o bebeu de repente.
Mas, o humus ensopando, as rigidas entranhas
Levaram-no à planicie aos valles, às montanhas.
Ao seu contacto a vida h'rrta, dura, gelada,
De subito parou em cada região, em cada
Canto da natureza as luxurias matando:
A longa imigração das aves começando:
A cascata detem-se: enrijia-se a epiderme
Do chão seito penhasco onde não vive um verme
Sequer. Descôra a estrella, o sol descôra e a lua.
A vida concentrada encolhe-se, recua
Fogem da terra a Voz, a Delicia, os Affagos,
Palpita o echo do céo no secco alreio dos lagos
Mostrando o fundo ventre esteril, descoberto,
N'este dia surgiu sobre a terra o deserto.*

1889

Os delegados do governo

Vimos ha dias com assombro que a autoridade em deliquio no Recife capitulava diante da desordem triunphante e confessava por escripto a um dos proceres da republica a sua impotencia para garantir o exercicio de um direito. E com mais assombro ainda lemos dias depois um telegramma endereçado ao illustre Sr. presidente do conselho pelo presidente da província, onde se referia com louvores ao céo que o povo convocado préviamente para impedir o meeting republicano, havia-se desempenhado dessa missão em «perfeita ordem» desfilando em seguida pelas ruas aos vivas ás instituições juradas.

Antes do mais, cumpre aqui notar quão extravagante noção da autoridade têm os representantes do governo em Pernambuco!

Anuncia-se um meeting na praça pública para proclamar-se a excellencia da forma republicana e entoar-se a ladainha do descredito á monarchia. O governo

entende que isso é direito dos republicanos, e como tal não proíbe; mas vê com gaudio um caudilho pôr-se á testa da capangagem, ameaçar os oradores, encher as praças e impedir a reunião; e quando os convocadores da reunião lhe pedem que mantenha o seu direito, esquia-se declarando-se impotente e telegrapha ao presidente do conselho a narrar muito cheio de si a extraordinaria façanha! Deste modo a autoridade abdica da sua força nas mãos dos desordeiros, sob cuja protecção e força ella mesma se coloca!

Imaginam-nos com que desgosto leu o Sr. presidente do conselho o ingenuo telegrapha que lhe dava conta de que ha por Pernambuco um presidente que está a obrigar-o a pedir ao Sr. Lafayette cópia de uma celebre cartinha...

Infelizmente, porém, o caso ainda é mais grave do que pode parecer, porque ha a levar em linha de conta não só o facto e a doutrina em que elle assenta e as consequencias que delle derivam, mas ainda os protagonistas delle.

Sabe-se que é ao Sr. José Mariano que o presidente de Pernambuco deve o gaudio que pelo telegrapho comunicou ao Sr. presidente do conselho, e esse facto dá ao Sr. José Mariano uma preeminencia extraordinaria no Recife, assinala-lhe a primeira posição, a posição de depositario imediato do pensamento do governo e de director da politica provinciana. Foi ao illustre caudilho que o governo confiou a melindrosa incumbencia de bem receber o Sr. conde d'Eu; e agora é igualmente perante elle que a autoridade se annulla e a polícia desaparece para que, dando campo ás hostes que elle commanda, impuzesse silencio á republica do Sr. Silva Jardim.

Isto demonstra bem que, ao vêr do governo, o Sr. José Mariano é um homem precioso e como tal digno da honra de ser seu delegatario para os casos escabrosos em que o elemento realmente official só deve aparecer radiante de jubilo, por intermedio do cabo submarino. Ora, ou o governo vive em ignorancia absoluta sobre o modo por que á respeito da herdeira da coroa pensa o Sr. José Mariano e sua companhia, e nesse caso será um serviço a prestar-lhe desfazel-a; ou, então, conhecendo-o admiravelmente, homologa esse violentissimo juizo, constituindo-o depositario de sua confiança.

Vinte e seis dias antes de chegar ao Re-

cife o Sr. conde d'Eu e de ser recebido em charola por esta mesma gente, travou-se na assembléa provincial o seguinte edificante debate que transcrevemos, para que se veja com que violencia pensam os actuaes delegatarios do governo naquella província.

«O SR. JOSÉ MARIA.—O conde d'Eu, que tem bastante influencia sobre o espirito da Princeza, se a convencesse de que devia vender o paiz aos ingleses e precisasse de um homem nas condições de realizar o hediondo plano honico, naturalmente chamaria o Sr. João Alfredo, que certo se prestaria a representar o ingnominioso papel de vendedor de sua patria ao estrangeiro...

«O SR. BARROS BARRETO.—V. Ex. está fazendo um insulto ao nosso espirito de patriotismo. Depois, isto é uma phantasia.

«O SR. JOSÉ MARIANO.—A questão é de preço, se lhe chegarem com o preço, elle não terá duvida em effectuar a transacção.

«O SR. JOSÉ MARIA.—O conde d'Eu, ia eu dizendo, que teve a habilidade de transformar a cidade do Rio de Janeiro numa cidade de corticos, não poderia encontrar para aquella transacção mais docil instrumento do que o Sr. João Alfredo. Felizmente, senhores...

«O SR. BARROS BARRETO.—Admira que o presidente da assembléa consinta esta linguagem do nobre deputado!

«O SR. PRESIDENTE (Barão de Itapissuma).—A pessoa do Sr. conde d'Eu não é inviolável e sagrada.

«O SR. LEONARDO DE ALBUQUERQUE — O nobre deputado acredita que o conde d'Eu já é rei...

«O SR. JOSÉ MARIANO.—Ainda não o é; por em quanto limita-se a negociar em corticos. (Risos).

«O SR. JOSÉ MARIA.—O conde d'Eu não é mais do que o marido da princeza, é tanto quanto nós, é menos do que qualquer de nós, porque nem é filho deste torrão abençoado, nem tem siquer uma outra patria, porque renegou a sua no dia em que, aventureiro audaz, lançou os olhos para o Brazil em busca de um casamento que lhe creasse uma situação, que no velho mundo os seus meritos pessoaes não permittiam aspirar.

«O SR. BARROS BARRETO. — E' um membro da familia imperial que V. Ex. não pôde estar atacando.

«O SR. JOSÉ MARIA. — Veio em busca de uma mulher, obteve-a: mas não se sa-

tisfez com isso: quiz ser dono de corticos e foi dono de corticos e é dono de corticos.... (Risos).

«O SR. JOSÉ MARIANO: — O conde subiu mais; meteu-se naquelle alta *escroquerie* da Copacabana. Mas o que sobretudo nos deve preocupar é que elle não queira um dia vender-nos a nós.

«OUTRO SR. DEPUTADO: — Descanse V. Ex., o que é mais provavel é que elle venda os corticos e vá sahindo (Riso). »

Essa grosseria de phrase, essa vehemencia de idéa, nunca as usaram nem os mais violentos dos propagandistas republicanos que, com pregarem ardenteamente a sua doutrina, não resvalaram nunca para o terreno do attaque pessoal em que tanto se esmeraram esses liberaes e de que nem siquer escapou uma senhora respeitavel qual a S'a. Princeza Imperial !

Os propagandistas republicanos falando ao povo com a liberdade da tribuna popular nas praças publicas, nunca enveredaram por esse lobrego atalho do ataque á reputação pessoal dos principes por onde se metteram os actuaes delegatarios do governo, falando como representantes do povo, da tribuna da assemblea provincial !

E é precisamente a individuos que assim pensam e assim falam que o governo incumbe de representar de povo indignado para obstar a uma manifestação republicana, subordinando-lhes a autoridade e a força !

Ou o governo ignorava esse detalhe importante e, nesse caso, estamos prestando-lhe um serviço, com o que folgamos imensamente, pois outro não é o nosso desjo e vamos vêr, então, o governo retirar-lhes a sua confiança, quando menos, não lhes patrocinando as candidaduras; ou, então, é doloroso dizer-o, ou então... o governo está fazendo a campanha pela republica....

(Do *Novidades*).

Um infeliz é uma cousa sagrada.

SENECA.

Ninguem sahe triumphante de um perigo, sem perigo.

SYRUS.

Quando o orgulho fôr na frente segue-o com a vista, e, então, verás que a ruina lhe segue os passos.

SENECA.

A toalha de crivo (1)

Eu vou dizer o motivo—eu vou dizer ao leitor—porque a Senhora das Dôres teve uma toalha de crivo. Tratarei de ser o menos massante que podér...

Prompto! Dividirei o meu conto em capítulos pequenos.

I

Fica entre verdes collinas, e passarinhas, e flores, a freguezia das Dôres no fim dos sertões de Minas.

Muitos annos são passados que essa obscura freguezia duzentos fogos teria, muito por alto contados. Gente que mais se accommoda nunca se viu n'outra villa: agita-a e desunil-a nem a politica pôde. E como dar-se o contrario? A população devota n'um candidato não vota sem consultar o vigario! Aos domingos, sem que um critico ao bom parocho reprove, depois da missa das nove ha sempre sermão politico. Por isso, cada habitante é do partido do padre, e este, embora o mundo ladre, é sempre do dominante. E graças a tão profundo systema, é que a freguezia 'sta de perfeita harmonia com Deus e com todo o mundo.

Da polícia o delegado, envelhecido com a vara, de vez em quando prepara lá um ou outro attestado. E nessa formalidade, cavaco do honrado officio, cifra-se todo o exercicio da sua longa auctoridade.

Porém o que, sobretudo, dos outros povos distingue povo tão pouco belingue é crer em tudo e por tudo: que diga o parocho velho, embora diga tolice. E como se a gente ouvisse falar o proprio Evangelho!

II

Agora o meu conto:

Ha cousa de seis mezes se enterrára certo *dorense*, e deixára gravida a pobre da esposa.

Entre nuvens de alfazema, Maria teve uma filha, melindrosa redondilha, que promettia um poema.

(1) Extr. dos «Contos possíveis», E. L. Garner, 1889, in-8°.

Mas, decorridos uns dias, fica doente a pequerrucha: maternas tetas não chucha; descem-lhe as palpebras frias.

A indefectivel parteira incontinentemente chamaram:—Quebranto que lhe botaram! diz a velha curandeira.

A mãe, debulhada em pranto, roga a Deus que ao anjo accuda, e pede a «comadre» arruda para tirar-lhe o quebranto.

Asneiras não eram ditas, entra na casa um sujeito, homem grave e de respeito, que tem maneiras bonitas. E' um medico da roça, Esculapio de encommenda, que, de fazenda em fazenda, os obituários engrossa. A vontade dos freguezes o referido charlata é alopatha, homœopatha e dosimetrico ás vezes.

— Passei aqui por accaso... Deixem-me ver a menina, diz elle. E' tão pequenina! Quero estudar este caso...

De despeitada, a parteira os labios n'um riso ajusta. Mal sabe ella como é justa essa curva zombeteira.

Ausculta o doutor; discorre; e, afinal abre a botica.

Mas a criança immóvel fica. Abre os olhinhos... e morre.

A mãe, coitada não sabe que está morta a pequenita... Dizem-lh'o: não acredita que um sonho assim lhe desabe!

E grita com voz sonora:—Se me dás este anjo vivo, tens uma toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora!

III

Enche-se a casa de gente. Visitas e mais visitas! Caras as mais exquisitas entram animadamente...

Fazem berreiro as mulheres.

Só não chora uma visinha velha, mas muito velhinha, que diz a mãe:— Que mais queres? E's bem feliz, minha rica! Pois é uma felicidade quando ellas *vae* nesta edade e neste mundo não *fica*!

Oh, creatura serodia, que a Morte esqueceu no mundo, tens, do espirito no fundo, mais egoismo que prosodia!

Maria tambem não chora, e a todo instante começa a repetir a promessa que fez a Nossa Senhora.

IV

Uma sinhá caridosa o cadaversinho beija e deita-o n'uma bandeja cheia de folhas de rosa. A bandeja é transportada para cima

de uma meza, e vem uma vela acceza, pelo vigario mandada.

Hirto, branco, ensanguentado, com seu resplendor de prata, as alminhas arrebata um Christo crucificado. Do cadaver o olhar fixo a todos estar parece acompanhando uma prece, cravado no crucifixo.

V

Eis que chega a hora do enterro. Já está mettido o corpinho n'um pobre caixão de pinho com quatro argolas de ferro.

Com ar de muito criterio, todas de vestidos brancos, quatro meninas, aos trancos, conduzem-no ao cemiterio.

Na frente o nedio vigario os passarinhos espanta pelo vigor com que canta o latim do seu breviado.

Quando o caixão, entretanto, os umbraes transpõe da porta, Maria tudo suporta sem desperdicio de pranto, dizendo com voz sonora :— Se me dás este anjo vivo, tens uma toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora !

VI

Passou-se um anno, leitores.

Na matriz branca e modesta realizou-se hoje a festa da Santa Virgem das Dores.

De petalas recamada, por baixo da Eucaristia vê-se a toalha de Maria perfeitamente engommada.

Não chega p'r'as encommendas o parocho attencioso, que a todos mostra, gaboso, o trabalhado das rendas.

Bimbalha o sino festivo. C'um olhar doce e magoado, a Virgem, do altar doirado envolve a toalha de crivo.

VII

Entra na igreja a viuvinha, e vem com ella a parteira, que traz, muito prazenteira, ao colo uma criancinha. Ao seu encontro apressado vae o padre soridente...

Enche-se a igreja de gente. Celebra-se o baptisado.

VIII

Direge-se para a porta o povo, mas o vigario o silencio do sanctuario com estas palavras corta :

« Meus filhos. Nossa Senhora fez piedosa maravilha, recuscitando esta filha que

baptisamas agora. Esta criança rosada é — mysterioso arcano ! — a mesma que, faz um anno, foi morta e foi sepultada ! A propria Virgem um dia o milagre annunciou-me, por que eu salvasse o bom nome alli da dona Maria. Fique, portanto, inteirado o povo que esta menina foi, por bondade divina, concebida sem peccado. E porque de peçonhentos não seja mais tarde vítima, vou como filha legitima pol-a nos assentamentos.»

IX

Contra o caso extraordinario protestar ninguem lá ousa, pois a verdade da cousa só sabe a mãe... e o vigario.

E ahi está contado o motivo, ahi está, meus caros leitores, porque a Senhora das Dores teve uma toalha de crivo.

ARTHUR AZEVEDO.

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

(Continuação)

Mas, como já indicámos, as noções que se dão com esta denominação á juventude são absolutamente sem valor como guias na vida. Entre os factos relatados nos nossos livros de historia para uso dos collegios e os contidos nas obras mais sérias, escriptas para os adultos, nada ha que faça comprehender os verdadeiros principios da accão politica. As biographias dos soberanos (e os nossos filhos limitam-se a aprender isto) não lançam luz alguma sobre a sciencia social. Saber de cór as intrigas da corte, as conspirações, as usurpações e outros factos similhantes, com todos os nomes dos personagens que nelles estão envolvidos, tudo isto não nos ministra noção alguma util sobre as causas do progresso das noções. Lemos que em tal epocha se deu um conflito com o poder e este conflito originou uma batalha campal; que os generaes e os seus ajudantes se chamavam tal e tal; que commandava cada um tantos mil homens de infantaria, tantos mil homens de cavallaria, e tantas peças; que

elles acamparam as suas tropas de tal maneira; que a certa hora do dia sofreram um revez ou ganharam uma victoria; que num certo movimento um general foi morto e um regimento dizimado; que depois de todas as peripecias do combate o triumpho foi alcançado por um ou outro exercito; que houve finalmente tantos homens mortos, tantos feridos e tantos prisioneiros. Em todos os detalhes accumulados que compõem a narração encontra-se um só que vos possa ajudar a vos dirigirdes como cidadão? Supponde que tendes lido com attenção não sómente as *Quinze batalhas decisivas que se travaram no mundo*, mas a narração de todas as restantes batalhas que a historia menciona, o vosso voto nas proximas eleições acaso será mais judicioso? Mas isto são factos, factos interessantes, dizeis vós. Sem duvida, são factos (se todavia no todo ou em parte não são ficções), e para muitos espiritos podem estes ser interessantes. Mas isto por forma alguma implica que seja util conhecê-los. Uma opinião ficticia ou morbida pôde attribuir valor a cousas que realmente não tem quasi nenhum. Um *tulipamaniaco* não daria uma cebola de tulipa rara por dinheiro algum. Ha individuos para os quaes uma insignificante peça de velha porcelana rachada é uma riqueza apetecida; outros ha que pagam caras as reliquias de um assassino. Dir-nos-hão que estes gostos dão a medida do valor real do seu objecto? Não, sem duvida; admittir-se-ha pois que o prazer que se pôde encontrar na narração de certos factos historicos não prova em cousa alguma o seu valor e que para darmos conta do que pôde ser este valor, aqui como noutra parte, é preciso investigar para que uso é que são applicaveis estes conhecimentos.

Se alguém fosse avisar-vos que a gata do vizinho teve hontem filhos, responderíeis de certo que o conhecimento d'este facto não tem para vós valor. Muito embora seja um facto, vós o apreciareis como um facto inutil, um facto que por forma alguma pôde influir na vossa conducta, que não vos secundará em nada a chegar á vida completa. Pois bem submettei á mesma prova a grande massa de factos intitulados historicos, chegareis á mesma conclusão. São factos de que se não pôde concluir cousa alguma; factos não susceptiveis de organisação; factos por conse-

quencia que não podem servir para establecer os nossos principios de conducta, utilidade principal do conhecimento dos factos. Ledê-los, se quereis, para distracção; mas não vos vanglorieis de encontrar nelles uma fonte de instrucción,

O que constitue a historia verdadeira é quasi completamente omittido nas obras d'esta especialidade. Só de ha poucos annos a esta parte começaram os historiadores a darem-nos, numa certa proporção, o genero de instrucción que pôde verdadeiramente ser util. Da mesma forma que nos séculos ultimos o rei era tudo, o povo nada, assim, nos antigos livros de historia, as accções dos reis formam o quadro completo e a vida nacional é afastada para um plano escuro. Nos nossos dias sómente, em que o bem dos governados, mais do que as conveniencias dos governantes, se tornou a ideia predominante, os historiadores dedicaram-se a estudar os phenomenos do progresso social. O que nos importa realmente conhecer é a *história natural* da sociedade. Necessitamos saber toda a ordem de factos que podem auxiliar-nos a comprehendêr como se engrandeceu e se organizou uma nação. Entre estes factos, sem contestação, será preciso collocar um sumario do seu governo; mas que nos deem o menos de mexericos possíveis sobre os homens que exerceram esse governo, e em comensação o maior numero de detalhes possíveis sobre os principios, os methodos, os prejuizos, as corrupções que accusa; e que esta narração comprehenda não sómente o que diz respeito ao governo central, mas também tudo o que se refere aos governos locaes até nas suas ultimas subdivisões. Tinhamos d'esta forma, por assim dizer, uma descrição paralella do governo ecclesiastico, da sua organisação, da sua conducta, do seu grau de poder, das suas relações com Estado; e com isto, ao ceremonial do culto, do *Credo*, das ideias religiosas, não sómente d'aquellas em que nominalmente creram, mas d'essas em que na realidade acreditaram e que serviram aos homens de regra de conducta. Saibamos tambem qual foi o dominio exercido por certas classes sobre outras, o que nos testemunha a etiqueta social, os titulos, as saudações, as formulas empregadas nas cartas e nos discursos. Saibamos ainda os usos populares, seguidos tanto na familia como entre pessoas estranhas umas ás outras, comprehendendo os que dizem

respeito ás relações dos dois sexos e ás dos pais com os filhos. As superstições correntes, desde os mythos mais importantes até ás practicas de feiticeria vulgar, devião tambem ser referidas. Em seguida virá um quadro do systema industrial da nação mostrando a que grau se elevou a divisão do trabalho; se as profissões estavam organisadas em castas, em corporações, etc.; quaes eram as relações de patrão para empregado; porque vias os productos entravam na circulação; quaes eram os meios de communication e qual o signal respectivo d'esses valores. Com tudo isto seria preciso dar conta do estado das artes industriaes no ponto de vista technico indicando os processos seguidos e a qualidade dos productos. Em seguida seria preciso descrever o estado intellectual da nação nos diferentes graus da hierarchia social, não sómente do que toca á educação e á sua natureza, mas que diz respeito aos progressos realisados pelas sciencias e pela maneira de pensar. Seria preciso mostrar qual era o grau de cultura esthetica da nação, na architectura, na pintura, escultura, musica, vestuario, poesia e ficções. Não devia omittir-se o quadro da vida quotidiana; seria necessario expor o que eram as habitações, a alimentação e os prazeres d'esse povo. Finalmente e como que servindo de liame ao complexo dos factos, seria indispensavel expor qual era a sua moral theorica e practica em todas as classes, tal como se deduz da legislação, dos usos, dos proverbios e das accções. Estes factos deviam ser relatados tão resumidamente como o permite o cuidado da clareza e da exactidão, agrupados e dispostos por forma que podessem ser envolvidos no seu todo e considerados como partes correlativas d'esse todo. O fin que se tem em vista é que se possa apanhar facilmente a harmonia que entre elles existe para se aprender a conhecer qual é o phemoneno social que com outro coexiste. O quadro dos séculos successivos deve ser disposto de modo que se veja como é que as crenças, as instituições, os usos, as condições sociaes se tem modificado e como a harmonia de um edificio social se fundiu noutro que lhe succede. Eis as noções do passado que podem servir para o cidadão dirigir a sua conducta. A unica historia que tenha um valor practico poderia chamar-se *sociologia descriptiva*, e o melhor serviço que o historiador podia prestar-nos era relatar a

vida das nações de tal modo que nos fôr-nesse os materiaes da *sociologia comparada*, afim de nos permittir determinar em seguida as leis fundamentaes que presidem aos phenomenos sociaes.

Notae agora que, mesmo supondo que se possa chegar a possuir uma somma sufficiente de conhecimentos historicos com um verdadeiro valor, serão de insignificante utilidade no caso de não se lhe possuir a chave. A chave ou applicação é só a sciencia que nol-a ministra. Sem as generalisações da biologia e da psychologia é impossivel ter a explicação racional dos phenomenos sociaes. Não se comprehenderiam mesmo os mais simples factos da vida social, como por exemplo a relação entre a offerta e a procura, se nunca tivessemos formulado algumas observações sobre a natureza humana. E, se não podemos attingir ás verdades sociologicas mais elementares sem saber como é que o homem pensa e sente en dadas circumstancias, é claro que não se chegará ao conhecimento completo da sociologia, senão se conhecer a fundo o homem com todas as suas faculdades corporaes e mentaes. Considera-se o assumpto no ponto de vista abstracto, esta conclusão surgirá por si mesmo. De facto: a sociedade é composta de individuos; tudo o que se realiza na sociedade é o resultado das accções combinadas d'estes individuos; não é pois só nas accções individuaes que se pôde encontrar a solução dos phenomenos sociaes. Mas as accções dos individuos são regularisadas pelas leis da sua natureza, e estas accções não podem ser comprehendidas no caso de se conhecerem essas leis. Reduzidas á sua mais simples expressão, essas leis são os corollarios das que presidem á vida do corpo e do espirito em geral. D'aqui resulta que a biologia e a psychologia, são os interpretes indispensaveis da sociologia. Para formular esta conclusão de um modo mais simples ainda, diremos pois: todos os phenomenos sociaes são phenomenos da vida, são as manifestações mais complexas da vida; devem conformar-se com as leis da vida, e não podem ser comprehendidas senão por aquelles que conhecessen essas leis. Assim pois tudo o que diz respeito á direcção da actividade humana, na quarta

HERBERT SPENCER.

(Continua)

Bibliographia Brazileira

ANNO II — I DE JULHO DE 1889 — BOLETIM XIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

150—ANNEXOS ao Relatorio apresentado á assemblea geral na quarta sessão da vigesima legislatura pelo ministro d'agricultura interino Rodrigo Augusto da Silva.—Brazil, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro 1888—Vols I. e II. 4º com diferentes numerações.

151—EXPOSIÇÃO com que o Sr. Dr Barão de Jaguára passou a administração da província de S. Paulo ao Exm. Sr general Dr. José Vieira Couto de Magalhães, no dia 10 de Junho de 1889.—S. Paulo. Typ. a vapor de Jorge Sckler & C. 1889. 4º

152—FAGUNDES VARELLA (L. N.) O estandarte auri-verde. Cantos sobre a questão anglo-brazileira e o Cántico do Calvario —Rio de Janeiro, á venda na livraria do Povo 65 e 67 rua de S. José, 4º em 16 páginas.

153—FLORIANO DE GODOY (Senador J.) A província do Rio Sapucahy.—Ao jornalismo da província de S. Paulo adversário á creacão da mesma—Rio de Janeiro, Laemmert & C. 1889=32º em IV--261 pags.

154—Ivo NEMINHOTE. Poemeto. Os retirantes—Caeté, F. C. Junior, Editor, 1889 —8º em 24 pags.

155—MEDEIROS E ALBUQUERQUE Canções da decadencia 1883—1887—Editores, Carlos Pinto & C. sucessores. Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, 16º em 230 pags. numeradas e 10 innum

156 — RELATORIO apresentado á assemblea geral na quarta sessão da vigesima legislatura pelo ministro e secretario de Estado interino dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas Rodrigo Augusto da Silva—Brazil, Imprensa na-

cional, Rio de Janeiro 1889 — 4º em 308 pags.

157—RELATORIO apresentado á assemblea geral legislativa na quarta sessão da vigesima legislatura pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da justiça o conselheiro Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva— Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889, 4º

158—ROCHA FARIA (Dr. B. A.) Hygiene publica. Relatorio sobre os trabalhos da Inspectoria geral de hygiene, durante o anno de 1888, apresentado a S. Ex. o Sr. conselheiro Antonio Ferreira Vianna, ministro e secretario d'Estado dos negocios do imperio. — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889, 4º com 88 pags.

159—TSCHERMAK (G.) Separal-Abdruck aus den mineralogischen und Petrographischen Mittheilungen herausgegeben—Do: n Pedro Augusto von Sachsen Coburg: Beiträge zur mineralogie und petrographie braziliens— Wien, Alfred Holder, K. K. Hof und Universitattas-buchhandler, Rothenthurmstrasse, 15--4º, de pag. 452 a 463 e uma estampa photogr.

160—URIAS DA SILVEIRA (Dr.) A doença e o remedio ou o diagnostico, prognostico, a prophylaxia e o tratamento de todas as molestias medicas cirurgicas do quadro zoologico brazileiro em seis grossos volumes Comprehendendo : I, as molestias das creanças ; II, as dos olhos ; III, as das mulheres ; IV, as syphiliticas e de pelle ; V, as constitucionaes e infecto-contagiosas ; VI, as de adultos.—*Primeiro volume*— Rio de Janeiro, Typ e lith. a vapor de Bernardo José Pinto, rua do Carmo 41—1889, 16º em 381-IV pags,

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

- Julio de Mattos*—Historia natural illustrada, ornada com magnificas estampas coloridas, 6 vols. encs. 35\$000
- J. Anstett*—Historia natural popular—descripción circumstanciada dos tres reinos da natureza, adornada com 54 taboas coloridas, contendo 591 figuras, 2 vols. encs. 10\$000
- Cervantes*—D. Quixote de la Mancha, traducção dos Viscondes de Castilho e de Azevedo e Pinheiro Chagas, com gravuras de Gustavo Doré, 2 vols. in-folio, encs. 30\$000
- Lesage*—Historia de Gil Bras de Santilhana, traducción de Julio César Machado, edição monumental illustrada com perto de 400 gravuras no texto e 30 oleographias em separado, 2 vols. in-folio, encs. 30\$000
- César Cantú*—Histoire Universelle, traduite par E. Aroux et P. Leopardi—édition entièrement revue, par A. Lacombe sous les yeux de l'auteur, 19 vols. encadernados 25\$000
- Charles Vogel*—Le monde terrestre au point actuel de la civilisation—nouveau précis de geographie comparée. 5 vols. encadernados: 24\$000
- Buffon*—Oeuvres completes precedées d'une étude historique et d'une introduction sur les progrés des sciences naturelles, par Ernest Faivre, 11 vols. encs., ornados com finas gravuras sobre — aço — coloridas 25\$000
- Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil, 49 vols. (bem encadernados) collecção completa—1839 a 1887 120\$000
- Figueira de Mello*—Chronica da rebelião Praieira em 1848-1849, 1 vol. encadernado (raro) 3\$000
- Cesar Marques*—Diccionario historico e geographic do Maranhão 1 vol. encadernado 6\$000
- Azevedo Marques*—Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da província de S. Paulo, 1 vol. encadernado 6\$000
- Cesar Marques*—Diccionario historico, geographico e estatistico da província do Espírito Santo, 1 vol. encad. 5\$000
- E. Liais*—Climats, geologie, faune et géo-

- graphie botanique du Bresil, 1 vol. encadernado 5\$000
- Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios Portuguezes ou lhes são vizinhos, publicado pela Academia Real das Sciencias, 7 vols. encs. 20\$000
- Torres Mendosa*—Colección de documentos ineditos relativos al descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas posesiones, Españolas de America e Oceania, 10 vols. encadernados 18\$000
- Voltaire*—Oeuvres complétes, 35 vols. encadernados 35\$000
- Bacon*—Oeuvres, traduction revue, corrigée et précédée d'une introduction par Riaux, 2 vols. encadernados 2\$500
- Fénelon*—Oeuvres choisies, 4 vols. encadernados 5\$000
- Racine*—Oeuvres complétes, 2 vols. encadernados 2\$500
- Beaumarchais*—Théâtre suivi de ses poésies diverses, 1 vol. enc. 2\$000
- Bossuet*—Oeuvres choisies, 5 vols. encadernados 6\$000
- J. J. Rousseau*—Oeuvres complétes, 13 vols. encadernados 14\$000
- Lacordaire*—Oeuvres, 6 vols. encs. 8\$000
- Spinorsa*—Oeuvres, avec une introduction critique, por Emile Saisset, 3 vols. encadernados 5\$000
- Shakspeare*—Chefs d'oeuvres, 3 vols. encadernados 4\$000
- André Chénier*—Oeuvres poetiques, précédés d'une étude sur André Chenier, par Sainte-Beuve, 2 vols. encadernados 3\$000
- Comte de Ségur*—Histoire universelle, neuvième édition ornée de gravures d'après les grands maîtres de l'école française, 3 grossos vols. encs. 12\$000
- Béranger*—Chansons anciennes et posthumes édition ornée de 161 dessins inédits et de vignettes monbreuses, 1 vol. encadernado 5\$000
- Le Glay*—Vie des saints avec le martyrologue romain, un traité de la canonisation des Saints et Martyrs et un traité des fêtes mobiles, 12 vols. encs. 14\$000
- Ventura de Raulica*—Les femmes de l'évangile, homélies, 2 vols. encs. 4\$000
- Ventura de Raulica*—La femme catholique faisant suite aux Femmes de l'évangile, 2 vols. encs. 4\$000
- Ventura de Raulica*—Gloires nouvelles du catholicisme ou éloges funebres, vies et exemples de quelques grands catholiques, 1 vol. enc. 2\$500

LIVROS DIDACTICOS

Premiados na exposição de objectos escolares em 1888

DIPLOMA DE PRIMEIRA CLASSE

- Historia Antiga do Oriente*, por J. M. da Gama Berquó.
- Historia da Grecia e de Roma*, por J. M. da Gama Berquó.
- Grammatica portugueza da infancia*, por João Ribeiro (curso primario).
- Grammatica portugueza elementar*, por João Ribeiro (curso medio).
- Grammatica portugueza*, por João Ribeiro (curso superior).
- Dicionario grammatical*, compilado por João Ribeiro.
- Geographia das provincias do Brazil*, pelo bacharel Alfredo M. Pinto.
- Curso de Geographia Geral*, pelo bacharel Alfredo M. Pinto.
- Noções de Geographia geral*, pelo bacharel Alfredo M. Pinto.
- Noções de Historia Universal*, pelo bacharel Alfredo M. Pinto.

DIPLOMA DE SEGUNDA CLASSE

- Grammatica allemã*, de Emilio Otto, adoptada ao programma de ensino no Brazil, por Adolpho Neumann.

Extracto do parecer

Além dos compendios da casa Alves & C. impressos no paiz, que pela sua nitidez e bom papel, sobresahiram ainda, sob o mesmo ponto de vista, a *Historia antiga* e a *Historia do Oriente*, do Sr. J. M. da Gama Berquó, que só tinham o inconveniente de serem em brochura; quanto, porém, á execução typographica e excellencia de papel, nada deixaram a desejar, como no mais, e de que adiante trataremos.

Considerados exclusivamente como trabalhos didacticos, cumpre-nos collocar em primeira plana os Srs. J. M. da Gama Berquó, João Ribeiro e Alfredo Moreira Pinto.

O Sr. Gama Berquó, tanto em sua historia do Oriente, como da Grecia e Roma, revela-se um conhecedor profundo da materia, e que a sabe expôr pelos systemas ou processos mais modernamente adoptados pelos escriptores de melhor nota no genero. Uma analyse profunda, uma critica apurada não os escoimaria

talvez de certas obscuridades de linguagem, o que até certo ponto não é das cousas mais perdoaveis, attento os fins a que se destinam taes obras; os livros escolares, antes de tudo, no tocante á linguagem, devem ser clarissimos. Não obstante taes senões, os dous compendios do Sr. Gama Berquó honram e enriquecem a nossa bibliographia didactica, e o seu autor é digno das nossas homenagens.

O Sr. João Ribeiro escreveu com mão de mestre tres livros de valor real para o ensino da lingua portugueza: as suas *Grammaticas* para o 1º, 2º e 3º anno, formam um bom curso completo na especie para a instrucção primaria e secundaria. A simplicidade e clareza do texto, junta o acerto dos exemplos; e, afastando-se completamente dos velhos moldes, deu ás tres gradações fórmulas tão correcta e ao mesmo tempo tão singelas, que o aprendizado impõe-se por si. A *Grammatica* do 2º anno, principalmente, nos parece preencher todas as condições desejaveis a seu objectivo. O seu *Dicionario Grammatical*, posto seja ainda um ensaio, mas já assim mesmo é um dos trabalhos melhores que no genero conhecemos em nosso idioma.

Do Sr. Moreira Pinto não pequena é a colleção de suas obras didacticas, e quasi todas de muito merecimento, d'entre elles sobressaindo—as suas *Noções de Historia universal*, *Geographia geral* e *Geographia das províncias*; e d'entre as tres a ultima, que não tem competidora na nossa bibliographia didactica, Nas noções de *Historia universal* tornam-se dignas de nota a concisão e clareza, sem prejuizo da apreciação dos factos; o estylo sempre por igual é correntio e unitorme; quanto á parte chronologica é de quem por largos annos está costumado a compulsar, com criterio, os volumosos annaes da vida das nações e dos homens. A *Geographia geral* consideram-a uma das melhores na exposição, e a mais correcta na sciencia; o autor é um professor emerito, conhece como poucos a materia. Da sua *Geographias das províncias*, basta dizer que é a mais fiel e a mais completa, quanto um resumo jôde sel-o; um inventario das nossas riquezas naturaes, relatorio do estado actual da nossa civilisação, gravado em relevo no mais bem acabado quadro descriptivo do vasto imperio do Brazil physico. Por tudo isto é o autor digno de aqui consignarmos, sem reservas, todos os nossos louvores, rendendo-lhe o preito a que tem juz o seu talento e mais ainda o seu amor á patria, tão grandemente perpetuado em seu *Dicionario geographico*.